# Notícias de Júlia
## - além de números e nomes –

Toda sexta feira, eu e os participantes do debate no programa Rádio Vivo, na Rádio Itatiaia de Belo Horizonte, somos convidados a apontar quais teriam sido, a nosso ver, a pior e a melhor notícia da semana. Na última sexta, dia 5/6, comentei apenas a pior: a tragédia do vôo 447 da Air France.

Na verdade, mais que pior, foi ***a*** notícia da semana, sobre a qual, desde o primeiro momento, toda a mídia debruçou-se exaustivamente em busca de detalhes sobre o avião desaparecido.

Nos primeiros dias, horas de mistério. Falta de informações mais detalhadas, nenhuma imagem ou dados mais precisos sobre o que teria acontecido. E se não há notícias, abre-se espaço para todo tipo de especulação.

Hipóteses as mais variadas foram aventadas para tentar explicar o acidente: um raio, pane nos computadores, falha humana, uma super tempestade, granizo, turbulência e até atentado terrorista. Uma reportagem, no Fantástico, lembrou a história de um outro avião desaparecido sem pistas, sugerindo inclusive interferências do sobrenatural.

A imprensa, como esperado, cumpre o seu papel e o assunto ainda será muito explorado nos próximos dias. Os veículos de comunicação vão disputar o privilégio de mostrar imagens "exclusivas" do resgate dos corpos, detalhes do processo de identificação, a recuperação de partes da aeronave e, se possível, das caixas pretas, na tentativa de elucidar o mistério. Repórteres em busca de um "furo" vão-se acotovelar para colher depoimentos contundentes e emocionados dos parentes. Especialistas serão entrevistados em noticiários e talk shows, desfilando seus conhecimentos e teorias.

Na sequência, cada minuto do vôo será recriado em computador com efeitos especiais de última geração, garantindo a audiência dos programas especializados em acidentes aéreos. Um Globo, SBT ou Record Repórter vai mostrar em detalhes, passo a passo, todo o enredo da tragédia.

Depois, os relatórios finais com as conclusões dos peritos serão apresentados, divulgados, contestados, indo empoeirar nas gavetas ou em alguma prateleira das comissões de investigação. E logo o vôo 447 só será relembrado num próximo acidente, quando será desengavetado e usado como comparativo para estatísticas.

A notícia, qualquer notícia, tem seu potencial de espetáculo e como tal é tratada, no previsível show midiático ao qual vamos nos habituando.

Finalmente, para além e apesar da morte, a vida seguirá seu curso...

Mas, para um grupo de pessoas a vida que segue estará definitivamente marcada, pois onde há amor e ausência, certamente haverá saudade.

Parentes, amigos, gente que vê, lê e sente para além das manchetes espetaculares e estatísticas. Onde a mídia vê um número, eles vêem um nome. Onde se publica uma foto, eles lembram uma história.

É assim, para mim, com Júlia, uma das passageiras do vôo 447. Sobre ela, disse um jornal:

*Júlia Chaves de Miranda Schmidt (foto), 27, era advogada. Morava na Alemanha havia três anos e estava no Brasil de férias. Falava inglês, espanhol e alemão. Formou-se na FUMEC (Fundação Mineira de Educação e Cultura), de Belo Horizonte. Cursou doutorado na Bucerius/WHU, em Hamburgo. Era especialista em direito internacional.*

Releio a nota, pensativo...

O jornal registra, com precisão, que Júlia falava vários idiomas. O que os leitores não sabem é o que ela dizia nos momentos de alegria em família, entre os muitos amigos.

Tinha 27 anos, diz a nota. Eu a conheci com quatro, quando foi colega do meu filho, da Educação Infantil até a formatura no Ensino Médio, em 2000.

Testemunhei lágrimas adolescentes naqueles olhos e tive o privilégio de merecer aquele sorriso.

Morava na Alemanha. Mas eu fui à sua casa, aqui no Grajaú, levar e buscar meu filho nas festas infantis em que as meninas levavam os salgados (pão de queijo) e os meninos as bebidas (guaraná). Bons tempos...

Júlia era advogada, com mestrado e doutorado. Fui seu professor, no colégio Loyola, onde "ralou muito", como costumava dizer. Sua rebeldia adolescente e atrevida não se enquadrava nos rigores da educação jesuíta. Mas, teimosa, fez a travessia.

Celebrou comigo a Primeira Eucaristia e a Crisma. Visitou creches e participou de encontros. Cresceu, em todos os sentidos. Para além do cargo, me fez seu amigo, privilégio que herdei graças à sua amizade com o meu Thiago.

A última vez que a vi foi numa exposição da Casa COR, em BH. Estava trabalhando num stand. Sua beleza exuberante, seu jeito comunicativo já chamavam a atenção.

Em seus vinte e sete anos de vida Júlia foi e fez tantas coisas boas. Mas foi a tragédia que a fez virar notícia...

Paro de escrever e olho a tela do computador à minha frente. Diante de mim, a primeira página do Terra. Notícias e mais notícias sobre o acidente. Fotos, infográficos, vídeos, ícones, um mundo à minha espera em intermináveis janelas...

Logo as manchetes sobre o vôo 447 deixarão as primeiras páginas. Outras virão, pois o estoque de tragédias espetaculares parece inesgotável.

Então, 228 pessoas serão números em estatísticas e nomes em listas. Homenagens serão feitas, indenizações serão discutidas, refutadas, pagas ou contestadas. Depois, o esquecimento, a morte na memória...

Mas em mim, em muitos, sobreviverá a saudade da alegria da Júlia menina que entrou em minha vida pela porta da ternura. Que ela me ajude a não me deixar pasteurizar pelo rolo compressor da insensibilidade que atropela, engole e descarta as pessoas e suas histórias.

Somos mais que números e estatísticas.

Júlia é muito mais...

Eduardo Machado
09/06/2009